

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**“Tanto trabalho e perdição”: A Relação que escreveu Fr. Gaspar de Carvajal, da
Ordem de S^o Domingo, do novo descobrimento do famoso Rio Grande .**

Maria Cristina Bohn Martins*

Resumo: Entre os anos de 1541-42, acompanhado de pouco mais de 50 homens, Francisco de Orellana realizou a primeira navegação completa do Amazonas, desde os Andes equatorianos, até sua desembocadura no mar. Com o objetivo de “*servir a Su Majestade*”, a expedição, chefiada por Gonzalo Pizarro, saiu de Quito motivada “*por la mucha noticia que se tenia de una tierra donde se hacía canela*”. A “Relação” desta viagem, escrita por Gaspar de Carvajal, permite perceber que este objetivo seria logo ultrapassado pela busca desesperada por alimentos, e que os sofrimentos suportados se transformariam no melhor serviço a ser ofertado à Monarquia, tema que este artigo pretende explorar.

Palavras-Chave: Textos Coloniais/ Discursos Narrativos/ Relaciones

Abstract: Between the years of 1541 and 1542 Francisco de Orellana together with fifty men accomplished the first complete navigation through the Amazon River, since the Equatorian Andes until the river's meeting with the ocean. With the objective of “*servir a Su Majestade*” or “*serving Your Majesty*”, the expedition left Quito under the chieftainship of Gonzalo Pizarro, motivated “*por la mucha noticia que se tenia de una tierra donde se hacía canela*”, in English words due to the information of a place where there was plenty of cinnamon. The “Relação” of the journey written by Gaspar de Carvajal allows us to realize that the objective would soon be transcended by the desperate search for food and that the ordeal suffered by the party would be the best service to be offered to the Monarchy, which is precisely the theme of the present article.

Key words: Colonial Texts/Narrative Discourses/Relaciones

1 – Os Marañones e o Grande Rio:

As reflexões que serão objeto desta comunicação têm origem em um trabalho maior, trabalho este que vem estudando um conjunto de textos produzidos no contexto da colonização ibérica e que dizem respeito à Amazônia. Para tanto, selecionamos uma série de narrativas¹ as quais, analisadas diacronicamente, procuram entender como se elaboram os

* Doutora em História. Professora do PPGG em História da UNISINOS- RS.

¹ “Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal, del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande que se llamo el Rio de Orellana” (1542); “Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado que el governador P. de Horsua se fue a descubrir desde el Pirú por un río que llaman de las Amazonas...”, (1559) de P. de Alemesto; “Descubrimiento del Rio de las Amazonas y sus dilatadas Provincias y Relación del Descubrimiento del río de las Amazonas” (1640), do jesuita A. de Rojas; “Nuevo Descubrimiento del gran rio de las Amazonas. Por el padre C. de Acuña ...” (1641)

conceitos pelos quais o espaço amazônico e suas populações passaram a freqüentar o universo cognitivo ocidental. Considerando que os documentos que são matéria de exame foram produzidos entre os séculos XVI, XVII e XVIII, estamos interessados não apenas no seu contexto de produção como, também, em possíveis situações de intertextualidade, as quais nos permitem pensar acerca da circulação de que eram objeto estes textos e as idéias que veiculavam.

Aquele que nos interessa discutir nesta comunicação vem a ser o relato da primeira viagem de exploração sobre a calha Amazonas, o qual introduziu, no espaço americano, o tema das lendárias guerreiras que viriam a dar nome ao Rio. Trata-se da *“Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal (...) de la Orden de Santo Domingo de Guzmán, del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande que descubrió (...) el Capitán Francisco de Orellana desde su nacimiento hasta salir a la mar, con cincuenta y siete hombres(...), y por el nombre del capitan que le descubrio se llamo el Rio de Orellana”*.

Seu autor foi um dos protagonistas da expedição iniciada em Quito, em fevereiro de 1541, em busca do País da Canela, sob a liderança de Gonzalo Pizarro, irmão do poderoso “conquistador do Peru”. O grupo compunha-se, inicialmente, de cerca de duas centenas de espanhóis a cavalo, e quatro mil índios para transporte, deslocando-se acompanhado por um grande número de lhamas, porcos e cães. Depois de atravessar as terras geladas da Cordilheira em meio a imensas dificuldades, a região da canela revelou-se um desalento: além da espécie americana ser de qualidade inferior àquela obtida no Oriente, sua presença descontinua na floresta inviabilizava a exploração.

Esta frustração não impediu que os homens seguissem viagem animados por outro mito, o do *El Dorado*², reino que acreditavam localizar-se em algum ponto da selva sul-americana, até que, acossados pela fome e por índios hostis, separaram-se, em fins de 1541, em um ponto indeterminado do rio Coca. Alguns dos homens, conduzidos por Francisco de Orellana, seguiu viagem pelo rio em um bergantim, com o compromisso de, encontrando alimentos, retornar em auxílio dos demais. Pizarro, com a maior parte dos homens, depois de *“Diário”* de S. Fritz (1691) e, finalmente, o *“Tesouro Máximo”* do P^o. J. Daniel.

² Um conhecido conjunto de mitos, como o da “fonte da eterna juventude” ou das “sete cidades de Cibola”, ou mesmo o do Lago Dourado, foram constantemente reavivados e reafirmados mesmo quando uma série de experiências negativas e fracassos em localizá-los objetivamente, poderiam ter feito arrefecer a crença em sua existência. Assim, Pastor (1988) avalia que o fracasso em encontrá-los por parte de uma série de expedições enviadas à América do Norte, não foi suficiente para anular o impulso mitificador de uma coletividade que transferiu, de um hemisfério a outro, não os mitos (com exceção do das amazonas) mas a mitificação da nova realidade inexplorada.

uma longa espera, iniciou regresso para Quito, aonde chegou a meados de setembro de 1542. Os homens a pé, seminus, doentes e famintos, foram recebidos em meio a surpresa dos que os observavam e, segundo o Padre João Daniel, missionário do século XVIII³, resultou daí um dos nomes pelos quais o Amazonas seria então conhecido entre os espanhóis: o *Marañon*.

Desta mesma tropa de Pizarro lhe vem o terceiro nome (...) porque (...) recebidos como homens ressuscitados (...) e perguntados pelo que tinham visto e observado, e que notícias traziam do lago Dourado e da rica cidade de Manoa (...) respondiam que tudo eram maranhas e mais maranhas, queriam dizer que tudo eram matos, lagoas, pântanos, voltas, rodeios e labirintos, por onde tinham andado embaralhados. Foi-se divulgando pouco a pouco o nome maranhas, até que ficou com alguma mudança perpetuado no rio o nome Maranhão; e assim o chamam os castelhanos propriamente desde o rio Pongo até as suas cabeceiras... (DANIEL, 2004: 50)

O grupo capitaneado por Orellana, acabou protagonizando, entre 1541-1542, a primeira viagem de exploração europeia pelo rio Amazonas, navegando-o em toda extensão até sua desembocadura no Oceano Atlântico. É justamente a ela, que se refere a *Relación* escrita pelo frei Gaspar de Carvajal⁴, construindo-se, de fato, como uma tentativa de justificação para o descumprimento do acordo feito de regressarem, ele e seus companheiros, em auxílio dos demais, após a obtenção de víveres. Nesta mesma medida, trata-se, também, da narrativa dos percalços vividos pelo grupo que, depois de nove meses de dificuldades, em agosto de 1542, alcançou a foz do “*Marañon*”⁵, dirigindo-se, então, para uma ilha ao norte da Venezuela.

³ O jesuíta (1722-1776), autor do *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*, viveu na Amazônia entre 1741-1757, de onde foi expulso para viver os seguintes 18 anos nos cárceres de Lisboa (1757 – 1776), aonde veio a falecer. Foi aí que escreveu um notável painel sobre a região, em que informa minuciosamente sobre sua populações e costumes, flora fauna e geografia.

⁴ O texto desta primeira viagem de navegação pelo Amazonas foi preservado através de duas cópias: uma conservada na Biblioteca da Real Academia de História, e outra que, tendo sido doada à Biblioteca Nacional de Madrid, pertenceu ao Duque de T'Serclaes de Tilly. A *Relación* foi conhecida por Gonzalo Fernández de Oviedo que a incluiu em sua *História General de las Índias*, assim como o fez Pedro Cieza de León em sua *Crónica del Peru*. A partir daí, entre os séculos XVI e XVIII, um importante conjunto de relatos sobre a Amazônia foi produzido por diversos sujeitos, fossem eles aventureiros, funcionários das Coroas ibéricas ou missionários. Neles, assim como em Carvajal, podemos encontrar dados que destoam da noção corrente, por muito tempo, de que a floresta tropical fosse pouco adequada para a sobrevivência humana e carente de recursos que viabilizassem a concentração e o desenvolvimento populacional. À medida que estudos atuais fazem avançar uma nova compreensão sobre o passado desta região, eles também parecem referendar informações provenientes destes textos, especialmente no que se refere ao tamanho e complexidade das aldeias que se espalhavam pela várzea do Rio Amazonas. Desta forma, tendo sido outrora em boa parte desconsiderados por conta de abrigar informações claramente fantasiosas - das quais aquelas relativas às lendárias amazonas é a mais conhecida -, eles vêm sendo retomados contemporaneamente.

⁵ Que recebeu, então, o nome de “*Rio de Orellana*”

As notícias da viagem tiveram repercussão em diversos meios, no século XVI e nos seguintes. Inicialmente ecoaram na própria América, a partir dos relatos que deram os sobreviventes aos seus compatriotas na ilha de Cubágua e, logo em seguida, na Hispaniola, onde o Governador Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdez recolheu o depoimento dos expedicionários. Repercutiram fortemente também na Europa, entre os círculos humanistas, cartográficos e políticos. Segundo Auxiliomar Ugarte, “*é na iconografia dos mapas que podemos vislumbrar a absorção, quase imediata, das imagens mentais sobre a Amazônia percorrida (...) em 1541-1542. Vários mapas confeccionados (...) após 1544, e que retratam o interior da América do Sul, trazem algum tipo de imagem relacionada à região amazônica*”. (UGARTE, 2003 :15) Muitas destas imagens encontraram divulgação a partir da *Relación* escrita por Carvajal, e combinaram fascinação e descrédito, forte expectativa e reserva diante dos elementos fantásticos que o texto portava.

2 – Sobre as Relaciones:

O processo de descobrimento, conquista e colonização espanhola da América fez-se acompanhar, desde seus momentos iniciais, de uma intensa e extensa elaboração discursiva. Diários, cartas e informes inicialmente e, depois, leis, crônicas e histórias entre outros, formam um *corpus* textual que pode ser organizado em vários tipos discursivos⁶. Entre eles encontram-se as “relações do descobrimento e da conquista” como aquela de autoria de Carvajal. Sua leitura permite perceber que, assim como os imperativos de um dado tipo discursivo e de suas qualidades formais, também as condições políticas em que o texto foi produzido, incidem sobre o que veio a ser narrado.

Ao analisar o conjunto de narrativas que documentam o descobrimento e a conquista da América, Walter Mignolo avalia que estas *Relaciones* se distinguem das cartas⁷ e das crônicas, tanto em seus aspectos pragmáticos, quanto nos organizativos. O vocábulo tinha, no século XVI, o sentido de “informe ou narração de algo que ocorreu”, correspondentes ao *relatio* e *narratio* latinos. No contexto dos discursos gerados no ambiente da conquista e

⁶ Sobre os tipos discursivos pelos quais se organiza a prosa narrativa do período colonial hispano-americano, ver: MIGÑOLO, 1982: 57-116.

⁷ Ao lado de outros textos, as Cartas de Cortez compõem, para B. Pastor (1988), o que qualifica como “discursos narrativos da conquista”. As diversas vozes contidas nesta expressão veiculam-se, para ela, sob três formas principais: o “discurso mitificador”, que opera uma ficcionalização tanto da realidade do Novo Mundo quanto da natureza e do significado do processo de conquista, o “discurso de desmitificação” (discurso narrativo do fracasso) que questiona os modelos formulados pelo primeiro deles, e o “discurso narrativo da rebelião”, que estuda o processo de crise e liquidação simbólica dos mitos e modelos anteriores.

colonização da América, ele adquire o significado mais estreito de “relato ou informe solicitado pela Coroa” (MIGNOLO, 1982: 70).

Embora adote o nome de *Relación* portanto, o texto produzido por Carvajal não pode ser enquadrado, em sentido estrito, neste tipo discursivo. Ele foi escrito como pretensão “informe ou narração de algo que ocorreu”, mas numa iniciativa do dominicano, que pretendia isentar seu *capitán* da culpa que lhe era atribuída por não ter cumprido o acordo feito com Gonzalo Pizarro, ao dar seguimento à viagem em vez de voltar em socorro dos companheiros famintos. Assim sendo, a escolha deste tipo discursivo para seu relato (*Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal*), possivelmente aspire conferir a ele uma garantia de veracidade:

Yo Fray Gaspar de Carvajal, el menor de los religiosos de la Orden de (...) Santo Domingo, he querido tomar este poco trabajo y suceso de nuestro camino y navegación, así para decirla y notificar la verdad en todo ello, como para quitar ocasiones a muchos que quieran contar esta nuestra peregrinación o al revés de cómo lo hemos pasado y visto; y es verdad en todo (lo) que yo he escrito y contado. (CARVAJAL, 1986: p. 98)

A eleição de um dado recurso narrativo como forma de atender a uma necessidade política, pode ser encontrada em outras situações. Alonso de Rojas, SJ, por exemplo, embora adote para seu texto o nome de “*Relación del descubrimiento del Rio de las Amazonas ...*”, não participou diretamente, como testemunha autorizada portanto, dos fatos que relata. Daí que, rigorosamente falando, esta também não seja uma Relação em sentido formal. Tal como no caso de Carvajal, temos de indagar sobre os motivos que determinaram tal escolha. A solicitação do testemunho e registro escrito das ações de descobrimento e conquista, fazia parte do repertório de práticas pelas quais os espanhóis buscavam assegurar a primazia e legitimidade de suas iniciativas. Este era também, um expediente da Monarquia para - na medida do possível - acompanhá-las e controlá-las⁸. Por outro lado, este mesmo expediente poderia servir aos próprios conquistadores, uma vez que tais textos vinham a se constituir em espaço de exposição e enaltecimento dos trabalhos e dificuldades passadas, os quais pretendia-se que fossem adequadamente recompensados com honrarias e riquezas. Exemplo

⁸ Dada a condição especial da região amazônica, área de litígio colocada entre os interesses dos Impérios Luso e Espanhol, tanto Rojas, quanto C. de Acuña, preocupam-se em inventariar o espaço, indicar as possibilidades de seu aproveitamento e assinalar pontos vulneráveis à ação de inimigos dos castelhanos. A escolha da Relação como estratégia narrativa pode estar assim associada, no caso do primeiro, ao caráter estratégico que imprimiu a várias de suas observações, observações estas que não realizou pessoalmente, conforme já assinalamos. J. Pedro (2006) lembra que também as disputas entre as Ordens religiosas pelos espaços de missão na Amazônia produziam suas próprias necessidades discursivas, uma vez que se pretendia que a escrita pudesse certificar direitos de primazia.

típico desta situação é a Relação de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, hoje conhecida como “Naufrágios”⁹, e que serviram de comprovação (*probanza*¹⁰) de seus méritos e base para a solicitação de mercês, cargos e títulos. Desta forma, sua redação respondia ao desejo de convencer ao imperador espanhol de que as vicissitudes que vivenciara tornavam-no merecedor da “governança” da Flórida. Beatriz Pastor, em “Discursos Narrativos da Conquista”, entende que *Naufrágios*, integra um conjunto do que chamou de “discursos narrativos de fracasso” especialmente na comparação com os *Diários* de Colombo ou com a *Quinta Carta de Relación* de Cortés. A autora avalia aí a transformação da ação heróica da conquista em uma luta desesperada pela sobrevivência, condição que julgamos possa, talvez, ser estendida para o texto de Carvajal.

Efetivamente, como gênero, a relação apresentava-se como um ponto de convergência entre a epístola e o documento legal. Assim como as cartas, ela narrava e informava múltiplos aspectos da realidade, descrevia e comentava ações e comportamentos; incluía reflexões do autor e daqueles que o rodeavam. Como documento legal, se comprometia com a veracidade do narrado: “*El concepto de carta de relación llevaba implícita la certificación del contenido y constituía una cierta garantía de su veracidad*” (PASTOR, 1988:95). A escrita nos moldes deste tipo discursivo deveria ser penhor de objetividade e da natureza documental do testemunho, avalizando a veracidade e imparcialidade da mensagem que portava. A esta garantia implícita da natureza veraz indicada na utilização da forma oficial de Relação, costumava estar associada, ainda, a utilização recorrente do termo “verdadeira”.

O “*fazer relación*” deveria indicar a observação direta e pessoal como base necessária dos conhecimentos e informações reportados no documento. Ou seja: o testemunhalismo funcionava a guiza de autorização de verdade do narrado, elemento comum em boa parte das crônicas do período. Em uma cultura como a ibérica “*que colocava a escrita como sinônima de prova, de documento, de verdade, as disputas eram travadas no âmbito da cultura letrada. Assim, as narrativas da descoberta serviam como elemento de*

⁹ Cabeza de Vaca tomou parte da expedição dirigida por Pánfilo de Narváez que pretendia conquistar a Flórida (1527).

¹⁰ As “*probanzas de mérito*” eram um dos recursos narrativos utilizados pelos espanhóis para enaltecer seus próprios feitos, denegrir possíveis rivais e destacar atitudes e proezas individuais. De acordo com Matthew Restall, a maior parte da mitologia construída em torno da Conquista pode ser encontrada nestes relatos: a suposta superioridade dos espanhóis, o amparo da Providência Divina à suas ações, a invisibilidade de seus aliados nativos e, acima de todo o resto, o triunfo individual de alguns audazes. (RESTALL, 2006: 41).

legitimação para a ação colonial, bem como de identificação dos descobridores de espaço de disputa” (PEDRO, 2006: 94).

De acordo com Walter Mignolo (1982), uma das principais características das relações, é que elas não são o registro de uma observação livre de quem escreve, senão que respondem a pedidos oficiais. Tal situação fica especialmente formalizada desde 1574, quando se codificam as perguntas a serem atendidas nas informações escritas. Entretanto, enquanto as cartas e crônicas seguiam certa tradição discursiva, sendo modelos clássicos de escrita, as relações atendiam aos imperativos do momento específico da Conquista, baseando-se nas necessidades de informações que se aplicam sobre certas circunstâncias e lugares. Justamente por isto, o conjunto de questões que elas deveriam abordar, sofre constantes ajustes e transformações. Esta situação não impede que possamos distinguir um repertório de dados que deveriam compor o relato. Entre eles estão: o nome das províncias reconhecidas e de suas populações; seus primeiros descobridores e conquistadores; o ano do descobrimento; as características da geografia e do clima; a existência de minas de metais, pedras preciosas ou bancos de pérolas, etc. (MIGNOLO, 1982 :71 – 85).

Portanto, a utilização deste tipo discursivo inscrevia a narrativa que ele abrigava em um marco oficial e documental, propondo uma equivalência entre narração e verdade. Forçadas na necessidade do momento, as *relaciones* como tipo discursivo, deviam, portanto, recolher e ordenar informações sobre as novas terras e povos conquistados.

3 – “Tanto trabalho e perdição”:

A Conquista da América gerou uma grande quantidade de textos que procuraram (e procuram) construir interpretações a seu respeito. Algumas destas interpretações se apresentam na forma daquilo que Restall definiu como “mitos”, não no sentido de folclore ou lenda, mas indicando “*uma ficção de modo geral tida como verdadeira, em parte ou no todo*” (2006: 19). Ainda de acordo com ele, a maneira como são expressos os conceitos de uma determinada cultura, e a relação entre essas palavras e a realidade, podem proporcionar dados reveladores acerca de temas como este.

Entre estes textos gerados no ambiente da expansão dos domínios espanhóis na América estavam as Relações. Como vimos, elas deveriam obedecer a uma estrutura formalmente definida, que determinava o que devia ser objeto de interesse e como este objeto precisava ser registrado. Contudo, as estratégias de narração dos autores encaminharam-se, muitas vezes, de forma a ultrapassar os limites do que seria uma Relação. Ou, por vezes, os

narradores se apropriaram do conceito de Relação, de forma a tentar conferir textos que seriam de outra natureza, as qualidades que se esperavam de uma delas.

O documento produzido por Carvajal, atendeu ao objetivo de justificar aquilo que, para G. Pizarro e seus companheiros, fora uma traição, e que eles prontamente denunciaram diante das autoridades castelhanas. Assim é que a argumentação do dominicano mostra-se preocupada em, por um lado, evidenciar a falta de alternativas em que se viu Orellana. Por outro, em registrar, insistentemente, as qualidades do capitão: leal ao Rei e a seus homens, generoso, temente a Deus, bravo e talentoso.

A experiência que ele descreve remete a situações de grandes dificuldades, representadas por uma natureza desconhecida, fome e índios hostis. Se, por um lado, ele acaba por transferir para a Amazônia o lugar de consecução do mito das Amazonas, que freqüentava o imaginário ocidental desde a Antiguidade, e que foi retomado e atualizado ao longo dos séculos seguintes, sua narrativa serve também para desconstruir outros como o de “exército” de “soldados” do Rei. Da mesma forma, a noção da superioridade espanhola, *“desdobramento da noção mais ampla de superioridade européia e cerne das ideologias racistas que deram sustentação à expansão colonial, de fins do século XV até princípios do XX”* (RESTALL, 2006: 22), não se sustenta diante da sua vulnerabilidade ao ambiente amazônico, e da dependência que assumem em relação aos indígenas que lhes fornecem alimentos.

A Relações eram, assim como outros textos coloniais, uma forma de escrita feita para ser consumida em um mundo distante e, neste sentido, o seu destinatário desempenha um papel de primeira ordem na modelação do texto, estando mesmo presente nele. A não consecução de conquistas gloriosas é justificada pelas dificuldades do ambiente hostil e, em troca delas, o que se tem a oferecer é o esforço empenhado inutilmente. Assim é que as descrições do sofrimento e das privações enfrentadas ocupam um plano essencial e devem ser tidas, elas mesmas, como os serviços dignos de recompensa.

Bibliografia:

- CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. *Naufraios y Comentaríos*. Edición de Roberto Ferrando. Madrid: Alianza, 1985.
- CARVAJAL, Gaspar de. “Relación que escribió Fr. G. de Carvajal (...) del descubrimiento del famoso Rio (...)”. In: CARVAJAL, ALMESTO & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: História 16, 1986 (Crônicas de América 19).

- CUNHA, Manuela C. da. Introdução a uma história indígena. In: CUNHA, Manuela C. da (org.). *História dos índios do Brasil*. SP: Cia das Letras, SMC: FAPESP, 1992, p. 09 – 24.
- DANIEL, João. *Tesouro Descoberto no Máximo Rio das Amazonas*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- MIGNOLO, Walter D. “Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y de la conquista.” In: MADRIGAL, Iñigo (ed). *Historia de la literatura hispanoamericana* (Época colonial). Madrid: Cátedra, 1982, pp. 57-116.
- PASTOR, Beatriz. *Discursos narrativos de la conquista: mitificación y emergencia*. Hanover: Ediciones del Norte, 1988.
- PEDRO, Juliana de C.. *Embates pela memória: narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia Ibérica*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acessado em 05 de dezembro de 2006.
- PORRO, Antonio. *As Crônicas do rio Amazonas. Notas Etno-Históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. “História indígena do alto e médio Amazonas: séculos XVI a XVIII.” In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992, p. 175-196.
- RESTALL, Matthew. *Sete Mitos da Conquista Espanhola*. RJ: Civilização Brasileira, 2006.
- SCHWARTZ, Stuart B. e LOCKART, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SCOTT, Heidi. Más allá del texto: recuperando las influencias indígenas en las experiencias españolas del Peru. In: DRINOT, P.e GAROFALO, L.. *Más allá de la dominación y la resistencia*. Lima: IEP, 2005 , pp. 23 – 47.
- TAYLOR, Anne C. “História pós-colombina da alta Amazônia.” In: CUNHA, Manuela C. da (org.). *História dos índios do Brasil*. SP: Cia das Letras, SMC: FAPESP, 1992, p. 213-238.
- UGARTE, Auxiliomar S. Margens Míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: Del Priore, Mary e GOMES, F. (org.). *Os Senhores dos Rios. Amazônia, Margens e Histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, pp. 03-31.